

A CONDIÇÃO DO FILÓSOFO: UMA PARÁFRASE A PARTIR DE NICOLAUS BERDIAEFF

Marcelo de OLIVEIRA

UNICAP - Recife-PE

RESUMO

O autor ressalta que, de modo geral, o trabalho do filósofo nunca foi socialmente bem aceito, exceto quando se conformou com os sistemas dominantes, renunciando desta forma à sua condição de pensador. Frequentemente a pessoa do filósofo foi alvo de ataques seja por parte do poder político, seja por parte do poder religioso, na medida em que ambos promovem as instâncias de controle social.

Berdiaeff, em quem o autor se inspira, dizia que a filosofia é a parte menos defendida da cultura e não goza de nenhuma popularidade.

Por causa de sua atividade crítica o filósofo não recebe o reconhecimento da sociedade e por isto, muitas vezes, fica só. Mas continua na sua tarefa de pensar a existência no mundo com a certeza de que ao homem é possível conhecer, julgar, detectar contradições e apontar horizontes de ultrapassagem em todos os domínios do saber aplicado.

RÉSUMÉ

L'auteur remarque que, en général, le travail philosophique n'a été en aucun temps socialement bien reçu, sauf dans le cas où s'est conformé aux systèmes dominants, renonçant de cette façon à sa condition de penseur. Souvent la personne du philosophe a été en butte à des attaques soit par le pouvoir

politique soit par le pouvoir religieux, à mesure que l'un et l'autre fomentent les instances de contrôle social.

Berdiaeff, dont l'auteur prend son inspiration, disait que la philosophie est la part la moins défendue de la culture et ne jouit aucunement de estime publique. Par son activité critique le philosophe ne reçoit pas la reconnaissance de la société et par là, le plus souvent, il reste seul. Mais il persiste en sa tâche de penser l'existence dans le monde avec la conviction que, pour l'homme, est-il possible connaître, juger, révéler les contradictions et indiquer des horizons de dépassement em tous les domaines du savoir appliqué.

I - CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS

Em todas as épocas e civilizações em que se acentuou o cultivo específico do conhecimento, a condição do pensador apresentou-se um tanto trágica. Eis a observação do filósofo Berdiaeff, ao analisar o confronto entre a filosofia, a religião e as ciências, ao longo da história.¹

O filósofo, de modo geral, nunca fora bem aceito socialmente; a menos que se tenha conformado ao sistema ideológico dominante, renunciando à sua condição de pensador. Sua condição existencial tem sido marcada, na trajetória dos tempos, por uma atmosfera bastante densa de ataques, ora vindos do poder político do Estado, ora das elites religiosas, uma vez que esses segmentos, invariavelmente, são os promotores das instâncias de controle social.

Nos primeiros tempos de estruturação das filosofias ocidentais entre os gregos, por exemplo, a inimiga da filosofia fora principalmente a religião. Não esquecendo, evidentemente, o fato de que esta se encontrava aliada aos poderes políticos sustentadores das normas de comportamentos aceitas como ideais, naquele contexto.

Esse confronto se prolongou até nossos dias, lembrando que tem sido acirrado, num outro aspecto, pela corrida das ciências empíricas, ao reivindicarem seu status próprio, "desligando-se" daquela que lhes dera origem - a própria filosofia.

Com bastante lógica este último evento se fez necessário. Disto nós somos conscientes, hoje; mesmo vendo como parecem interesseiros o distanciamento e a separação entre a filosofia e tais ciências, em última instância.

Sabemos que a filosofia foi, primordialmente, o saber que englobava, em sua competência, todos os campos do conhecimento. Porém, a progressiva consciência da identidade de seus métodos e a delimitação de seus próprios campos cognitivos os tornaram independentes, possibilitando o surgimento das diversas ciências, que exigiram, por sua vez, sua relativa autonomia. E a filosofia, já pressionada pelos estreitos e vigiados corredores das instituições religiosas, sobretudo e desde o período do teocentrismo medieval e inícios da modernidade, onde fora apelidada como a "serva da teologia", embora, em parte, haja acontecido o contrário (a teologia é que se submeteu às categorias filosóficas, para se legitimar), de saber totalizador que havia sido, no edifício da sabedoria antiga, passou à posição de especulação de segundo plano. Oprimida, aparentemente inútil e sob acusação de atividade diletante, face aos avanços das ciências empíricas, o certo é que a filosofia sempre esteve presente na própria lógica dos demais universos do saber, principalmente na pessoa do filósofo, que questiona os próprios valores e possibilidades da ciência e da cultura em geral.

Já no auge da crise da cultura aristocrática da Grécia, a conduta do filósofo era vigiada, ameaçada, temível, por ser o homem capaz de expressar racionalmente a sua desconfiança relativamente às instituições político-religiosas e a colocar em xeque tudo que se apresentava com ar de certeza inabalável. Não é sem motivos que vemos Sócrates condenado a beber cicuta; Aristóteles, Ockam, Leibniz, Hume, Locke e Marx, em apuros terríveis, por terem inquietado as oligarquias de seu tempo. Assim como contemporâneos nossos, ainda hoje exilados e ameaçados pelos anátemas da auto-suficiência do Estado e das Igrejas, desde a "Santa Sé" ao "Santa Fé"². Porque enxergaram outras nuances da verdade e não se limitaram à estreiteza dos horizontes das convenções políticas vigentes. Melhor dizendo, porque questionaram

o poder. Enquanto isto, percebemos, de outro lado, pensadores muito bem instalados, como Platão, Hegel, apoiados pelas hierarquias do Estado, sem tanta perseguição. Por que? A resposta soa fácil. Eles não incomodaram muito as elites.

O filósofo sempre teve um caminho estreito e espinhoso a comprimir a largueza de seus passos. De um lado, comprimido pela ciência; de outro, pela religião e pelo Estado. Como constatou Berdiaeff, "a filosofia é a parte menos defendida da cultura... Não goza, em nenhum grau, do que se chama o prestígio da popularidade"³. Até mesmo alguns pensadores a usaram como instrumento para a destruição do próprio filosofar, como fora o caso de August Comte, tendo contraditoriamente desembocado noutra filosofia e, o que foi muito pior, numa espécie de religião da ciência.

A maneira como as sociedades tratam os filósofos nos dá a sensação de que não temos nenhuma incumbência social. Sobram-nos apenas os estreitos e vigiados corredores de algumas faculdades. Assim mesmo, como observaram alguns pensadores que formularam esta questão, "a própria universidade não lhe dá asilo senão na condição de ele divulgar o menos possível a sua própria filosofia, e de que se encerre geralmente na história da filosofia e nas doutrinas dos outros filósofos"⁴. Tal foi a crítica empreendida, por sinal, aos filósofos do século XX, por Gabriel Marcel e Berdiaeff, há poucas décadas; e que ainda não perdeu totalmente a sua atualidade. Este estreitamento de espaço geográfico-político, mais sombra que reflexo da ausência de espaço de liberdade, dificulta o cultivo da filosofia como atividade especificamente reconhecida.

A história nos mostra que o ataque mais violento suportado pela filosofia adveio-lhe da religião, desde a antigüidade. O assassinato de Sócrates constitui o símbolo de muitos similares e um exemplo terrível da crueldade que integra o poder das elites de todos os tempos. Não deve ser visto apenas como um fato isolado no mundo grego. Em "A Apologia de Sócrates", obra de conteúdo realmente patético, encontramos a acusação de que o pensador ensinava a rejeição dos deuses. Na realidade, ele apontava as defasagens e o ocaso da cultura aristocrática em decadência;

pois sabemos que, na Grécia antiga, política e religião estavam a serviço do poder bárbaro, assim como no mundo romano dos primeiros séculos da era cristã.

A partir dos fins do medievo, no contexto da cristandade ocidental, vimos surgir a incandescência das fogueiras da Inquisição (cujos resquícios duram até hoje) queimando filósofos e cientistas, só porque não pensavam como os prepotentes da hierarquia político-religiosa da época. Neste contexto ideológico, identificava-se uma estrutura histórica com a Verdade, por falta de consciência histórica e porque o ardor dos primeiros cristãos havia arrefecido, desde as sutis manobras de Constantino e Teodósio, que fizeram o clero romano curvar-se diante de ofertas econômicas, quais adoradores de Baal. E o Cristianismo, de religião que trouxe a lume a consciência da dignidade dos seres humanos, fora transformado em "religio lícita". Em lugar do aforismo "a fé busca a razão" passou a valer "a fé mata a razão". Desde então, a humanidade passou a assistir a uma verdadeira coivara de homens inteligentes, como Giordano Bruno, Galileu, Joana D'Arc, pagando nas grelhas do "Santo Ofício" o preço de suas descobertas e da liberdade de pensamento, frente aos dogmatismos morais erigidos nos palácios. Hoje, não havendo mais a prática da fogueira de lenha, os atuais inquisidores usam a fogueira psicológica da queimagem com o silêncio forçado⁵.

II - NOSSA EPOCALIDADE

Aproximando-nos do limiar do século XXI, não sejamos ingênuos em demasia para pensar ter havido evolução linear na história do pensamento humano, concebida vulgarmente em termos de "história universal", como se fosse algo homogêneo. A barbárie atribuída ao mundo antigo perdura nas sociedades contemporâneas. Se não de modo idêntico, mas disfarçada ou em outras modalidades, dependendo da classe dominante que exerce o controle social máximo como classe dirigente; seja o clero, no caso das religiões, sejam os militares, ou ambos, em caso de teocracias ou concordância de interesses de ambas as facções no poder. Por menos que pareça

verdade, mas ainda vigora o imperialismo teológico e militar. Inclusive, muito semelhante ao de Roma antiga. Basta que observamos ao nossas ruas invadidas pela cavalaria, em plena metrópole; o que é exatamente a herança da violência policial daquela babilônia. Vivemos em plena época de grito em defesa dos direitos humanos. Entretanto, assistimos a sanções e censuras ao pensamento científico-filosófico, tanto da parte dos escombros do “Santo Ofício” como das ditaduras militares, que apelam à violência psico-física, instrumento arcaico do racionalismo imperial. O inacreditável é fato constatável: a humanidade ainda não se libertou do “index librorum prohibitorum”! A censura continua sendo o meio violento para controlar e impedir o pensamento dinâmico; As elites se acham no poder majestático de dizerem o que o povo deve ou não deve, pode ou não pode saber. Sobretudo nas sociedades dependentes e mais fechadas, cultura é caso de polícia. Pensar e agir além dos esquemas funcionalistas e dos padrões da ideologia burguesa ocidental é arriscar-se. Começar novas formas de relacionamento afetivo, além da monogamia jurídica ocidental, é considerado como desvio, desequilíbrio ou patologia.

Nesse contexto encontra-se comprimida a filosofia, em nossa realidade. Banida, cassada e caçada (em ambos os sentidos), sob a acusação de subverter as pessoas em relação ao dogmatismo político e religioso. E o pretexto para tal é, de um lado, o refúgio religioso, a acusação de materialismo ou ateísmo; do outro, o pretexto político, ligado ao primeiro, a “ameaça do comunismo”, velhos mecanismos de defesa das elites reacionárias para continuarem mantendo o seu status quo.

A nível de América Latina, especificamente, onde a miséria grassa, como resultado da secular exploração colonial e capitalista, os setores fascistas das Igrejas e do Estado apelam para o anticomunismo, como método antigo para impedir a educação democrática das massas populares e sua organização; pelo medo, proibindo o livre pensar que desmitificaria a idolatria petrificada nos regimes de força, aqui instalados. E como a filosofia ameaça abalar as bases do poderio das elites acostumadas no comando ideológico das populações, a solução é condenar, apelar para o anátema e

vedar os processos de libertação e independência dos grupos mais conscientes da insuficiência desses mecanismos historicamente insustentáveis.

Após tantas voltas e revoltas na história da filosofia, ainda se teme a crítica, o perguntar, a reflexão indagadora. Os grupos que pensam deter o controle das sociedades, o controle do curso da história, comportam-se, na maneira sábia da expressão filosófica popular, como quem quer "tapar o sol com uma peneira". Isto parece ter uma profunda verdade, apreendida pelo povo, porque, mais cedo ou mais tarde, alguma ruptura ideológico-política acontecerá. A linguagem da sabedoria popular expressa esta possibilidade dizendo: "um dia a casa cai", "um dia macaco é gente".

Fato curioso é que os teólogos sempre gozaram de certa segurança institucional. Exceto, evidentemente, quando questionaram o dogmatismo institucional de suas religiões. O filósofo, não. Jamais recebera qualquer apoio, porque a filosofia nunca se institucionalizara de modo permanente. Encontra-se solto, entre os olhares da ciência, da religião e, atualmente, mais do que nunca, enfrentando o autoritarismo do Estado militar. Caso não seja um pensador a serviço da ideologia das classes dominantes, do tipo que fica obediente, a sombra da árvore do poder, falando para ser admirado, encantando platéias. Em se tratando de um pensador crítico, que tem coragem suficiente para se distanciar das "proteções" oferecidas pelas classes dominantes, como bolsas, viagens, ou os chamados cargos de confiança, como é o caso das chefias e da espionagem, até mesmo nas universidades.

Em geral, o filósofo crítico é perseguido e marginalizado pelas elites no poder, se cumpre a tarefa de construtor da história, com o povo, ao captar as aspirações de sua contemporaneidade. Sua atividade é colocada "entre parênteses", em suspense, ou suspeita. Nem, ao menos, lhe conferem uma competência profissional, como constatou o pensador Berdiaeff: "Filósofos e filosofia têm contra si os homens de religião, os teólogos, membros do clero e simples fiéis, os sábios e todos os especialistas, os homens políticos e os organizadores, os homens de Estado, conservadores e revolucionários, os engenheiros e os técnicos, os

artistas, enfim, a turba. Os filósofos devem ser, ao que parece, os que não têm nenhuma importância na vida política e econômica. No entanto, os homens que detêm ou brigam com o poder, os que desempenham ou querem desempenhar um papel no Estado e na economia social, parecem querer-lhe mal, não se sabe de quê; não podem perdoar à filosofia parecer-lhes inútil (...). Ignora-se o aparelho técnico da filosofia, mas não se hesita empregar o termo filosofia como uma expressão de troça ou de censura. No uso corrente, a palavra metafísica é quase uma injúria (...). Que a insegurança seja a condição vulgar da filosofia é o que a experiência obriga a constatar... Em todo filósofo há sempre qualquer coisa de Spinoza e do seu destino. Por essa insegurança social, a personalidade de seu pensamento, a situação do filósofo aproxima-o da vocação profética. O profeta não está mais protegido do que ele; e está tanto mais sujeito à perseguição quanto se preocupa principalmente com os destinos da sociedade e do povo. É por isso que, de todos os tipos de filosofia, é a do tipo profético a que está mais desarmada, a menos tolerada, a mais isolada”⁶. Apesar da sua tragicidade, e por causa dela, esse texto de Berdiaeff merece ter reconhecida a sua objetividade histórica e a sua beleza poética e profética.

Em contraste, é inegável a função da filosofia como “dinamis” propulsora de todos os movimentos culturais, uma vez que se constitui como o próprio impulso do agir humano na indissociável unidade vital, entre teoria e prática. Desde o mais simples método de conhecimento até a mais profunda experiência de fé, a comunicação torna-se possível graças a reflexão filosófica.

Todo sistema político, todo posicionamento ante um desafio histórico, fundamenta-se numa mundivisão, numa filosofia, numa concepção de mundo e de homem. Toda organização humana, como projeto social e histórico, supõe uma manifestação racional e uma fundamentação por meio dos princípios da racionalidade. Subjacente a qualquer sistema social encontra-se uma ideologia, um conjunto de princípios e valores racionalizados e explicitadores de sua razão no existir humano. E a pessoa do filósofo faz-se necessária a fim de exercer uma ação crítico-judicativa, para mostrar a incoerência ou coerência desse projeto em

relação ao próprio homem no seu irrenunciável face-a-face com outros, no mundo. Com ele, nesta atitude de julgamento quase ninguém ousa solidarizar-se. Em geral, parece ficar sozinho, pouco reconhecido. Sua incumbência é a de pensar a existência, no mundo, com a única certeza de que, ao homem, é possível conhecer, julgar, detectar contradições e apontar horizontes de ultrapassagem em todos os domínios do saber aplicado, posto que o filosofar se põe a si mesmo como objeto de conhecimento, e nenhuma ciência o faz tão radicalmente como a própria filosofia.

O filósofo que não se deixa confundir e que não se torna cúmplice com a mesmidade sistêmica da ideologia dos segmentos sociais dominantes, não é bem aceito, justamente porque sua atitude criticizadora não admite fronteiras nem entraves. Pela sua práxis, aponta as ambigüidades dos sistemas pretensamente acabados; localiza as contradições, desenterra os conflitos abafados, desmascara, desmitifica, quebra a aparente rigidez e provoca mudanças sociais. Conscientiza-se ajudando os outros a se conscientizarem. Nisto está a sua função histórica. Não existe autoridade externa para o filósofo crítico. Na filosofia a autoridade se constitui pela coerência e consistência do próprio pensar condizente com as exigências do presente histórico. Por isso, o pensador que não aceita a mesmice do sistema opressor é sempre perseguido por aqueles que enxergam a verdade somente na segurança estrutural e material das oligarquias. Tal filósofo é o terror das doutrinas sectárias, dos sistemas e dos dogmatismos de quaisquer origens, desde o religioso ao especificamente político ou cientificista. O único limite para o seu campo de ação é o não poder nem dever pensar a serviço da opressão, se quiser ser fiel à humanidade. É não pretender possuir a verdade total. É não se deixar enquadrar num sistema. Não se curvar a censuras. Não silenciar. Não pretender a ingenuidade de querer afirmar-se ideologicamente neutro ou apolítico. Seu lema deverá ser a construção da verdade, pela construção da história. Utópico, procurará tornar "tópico" aquilo que pensa, com o testemunho da sua convivência, pela dialetização com outras consciências, na luta pela liberdade política, a começar pela própria liberdade individual. Sabendo que a filosofia é o saber do saber e do não-saber; condição reveladora sem a qual o existir não seria humanamente possível.

III - CONCLUSÃO

Os seres humanos não vivemos sem filosofia. O pronunciar-se, com outros é incondicional ao nosso existir, no mundo. E a crítica, o filosofar, a atitude interrogativa, constituem os únicos caminhos a serem desbravados pela humanidade em busca de orientação para viver essa grandeza: a vida; náusea para uns, mistério para outros.

Côncio desta possibilidade e dos limites que lhe são impostos o pensador crítico sabe que deve continuar exigindo espaço para sua tarefa histórica específica. Ainda estamos a tempo de tentar libertar a filosofia dos estreitos corredores e salas de aula em que está confinada, nas universidades, para apontá-la como atividade virtualmente possível a todos os homens como seres pensantes. Se já é verdade incontestável que temos de fazer uma filosofia da libertação não esqueçamos de lutar pela libertação da filosofia, cuja idéia continua presa às escolas.

A atividade filosófica também deve ser explicitada e compreendida como tarefa de todos, embora em níveis diversos; e não apenas de universitários. Como pensadores brasileiros, temos que operacionalizar concretamente o modo e o espaço político para isto. Não esperemos o reconhecimento "oficial" desta atitude humana - o pensar crítico - pois nunca virá, uma vez que nossas instituições escolares, sob o poder majestático das elites, dos vulgares "políticos", continuam como instrumentos da socialização repressiva a serviço do status dessas classes privilegiadas, na defesa da ordem da propriedade privada.

Admitimos que o filosofar não pode permanecer apenas como atividade de escola, pois é preciso que leve em consideração o cotidiano popular, que se aproxime da prática popular; do mesmo modo como é necessário que a linguagem filosófico-científica dialogue com o linguajar comum, a fim de que, dialeticamente, as camadas populares também se apropriem da teoria científica. E ambos, filosofando, aprofundem sua práxis, conjuntamente, num esforço de superação do vanguardismo e do intelectualismo de gabinete.

O pensamento filosófico não pode se desligar das lutas históricas das populações como unidades culturais. O filósofo deverá fazer esforço para se comunicar cada dia mais intensamente com aqueles que não podem dizer sua palavra, com os movimentos culturais populares. Porque as classes populares também sabem captar e expressar o espírito de sua época.

Temos de nos organizar popularmente, saindo dos gabinetes e "chocadeiras" dos departamentos, para combater a censura absolutista. Mais do que nunca, precisamos de força organizativa (diga-se organização específica de filósofos) para quebrar o autoritarismo e o fanatismo ideológico que consideram o exercício da filosofia nas escolas e nas ruas como algo perigoso. Saibamos, porém, que, no momento, nossas instituições escolares ainda são demasiado débeis para suportarem isto, por se encontrarem atreladas ao poderio das classes dirigentes. Temos de acordá-las. Filosofemos com o povo, nas ruas, nos campos.

Se esta proposta chega tardia, não é ao cair da tarde que levanta vôo o pássaro de Minerva, na poética expressão de Hegel?

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(1) BERDIAEFF, Nicolaus. **Cinco Meditações sobre a Existência**. Lisboa, Guimarães Editora, 1961, p. 13.

(2) Referimo-nos, aqui, ao organismo político-militar criado durante o governo Reagan, nos EUA - o Instituto para Religião e Democracia, chamado vulgarmente "projeto santa fé"; destinado a combater os movimentos de libertação popular dos países dependentes, especialmente os inspirados na teologia da Libertação. Sobre isto ver: **"Um Processo de Ataque Contra a Igreja que Nasce do Povo"**. Publicação conjunta do CEDI e Revista Tempo e Presença; São Paulo, 1986, p. 6, (folheto).

(3) BERDIAEFF, N. Op. cit., p. 13.

(4) Idem, ibidem, p. 21.

(5) Continua atuante a repressão da censura policial às produções artístico-culturais. No campo religioso ainda vigoram as punições aos teólogos e demais pensadores críticos ao dogmatismo medieval. Exemplo notório, a nível mundial, tem sido a perseguição desencadeada pelos setores reacionários contra os pensadores da Filosofia e da Teologia da Libertação. Lembre-se o fechamento temporário do Centro Latino-americano de Parapsicologia, em São Paulo.

(6) Idem, ibidem, p. 30.